

A stylized graphic design featuring a black silhouette of a human figure in profile, facing left. The figure is set against a dark background. To the right of the figure, there are large, abstract, curved shapes in shades of gray, resembling a hand or a wing. In the top left corner, there is a light gray circle. In the bottom right corner, there is a black square containing the text 'ORFEU NEGRO' and several white starburst shapes. The overall composition is minimalist and modern.

**Conceição
Evaristo**

**Ponciá
Vicêncio**

**ORFEU
NEGRO**

TÍTULO

Ponciá Vicêncio

AUTORA

Conceição Evaristo

REVISÃO

Léia Coelho para a edição original:
Pallas Editora, Rio de Janeiro, 2017
Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

ILUSTRAÇÃO

Diana Ejaita

RETRATO DA AUTORA

Catarina Bessell

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2017 Conceição Evaristo
© 2017 Pallas Editora, Brasil
© 2026 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Maio 2026

DL 564373/26

ISBN 978-989-9225-60-2

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º
1250-257 Lisboa | Portugal
www.orfeunegro.org

Este livro é de uma de minhas irmãs, a mais velha, a que talvez nunca irá lê-lo, pois há anos que Maria Inês se assemelha a Ponciá Vicêncio, e se guarda em seu mundo.

É de Ainá, minha filha, especial menina, aquela que veio com seus mistérios para engrandecer a minha vida.

É de minha mãe, que tanto sabe do tempo de espera...

É de minhas irmãs e irmãos, testemunhas de tantas histórias...

É de todas as pessoas (e são muitas) que atravessam os meus dias deixando um confortante sabor de ternura.

Ponciá Vicêncio





Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência, a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Conseguiu enganar o arco e não virara menino.

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até ao chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até ao céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas e finas, depois o corpo, que era transparente e vazio. Sorriu para a mulher, que lhe correspondeu o sorriso. Quando contou sobre a mulher alta e transparente, a mãe não lhe deu atenção, mas Ponciá notou que ela se assustou um pouco. Daí a uns dias, quando o pai chegou, ela escutou a mãe pedindo-lhe que cortasse o milharal. O pai argumentou que não era tempo de colheita ainda. A mãe insistiu. E, quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta, transparente e vazia, que um dia sorrira para ela entre as espigas de milho.

PONCIÁ VICÊNCIO

Naquela tarde, Ponciá Vicêncio olhava o arco-íris e sentia um certo temor. Fazia tanto tempo que ela não via a cobra celeste. Na cidade, depois de tantos anos fora da terra, até esquecia de contemplar o céu. Entretanto, desde cedo, ao acordar com a costumeira angústia no peito, sem querer olhou o céu, como se pedisse a Deus em socorro. Estava, porém, arrependida. Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas. Passou a mão pela testa como se quisesse apagar tudo que estivesse pensando. Um receio antigo revisitou-a e insistiu em seu corpo. Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino. Agora sabia que não viraria homem. Por que o receio então? Estava crescida, mulher feita! Olhou firmemente o arco-íris pensando que, se virasse homem, que mal teria? Relembrou do primeiro homem que conhecera em sua família.